

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

LAURENT W. BROERING

THOMAS B. LUZ

**CATADORES DE LIXO OU AGENTES AMBIENTAIS?**

Um olhar para o trabalho e seus sentidos em uma Cooperativa de Recicladores do Município  
de Ituiutaba-MG.

SÃO PAULO - SP  
2011

LAURENT W. BROERING

THOMAS B. LUZ

**CATADORES DE LIXO OU AGENTES AMBIENTAIS?**

Um olhar para o trabalho e seus sentidos em uma Cooperativa de Recicladores do Município de Ituiutaba-MG.

Relatório de pesquisa apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito da realização do Projeto Conexão Local para Estudantes de Graduação ciclo 2011.

Campo do conhecimento: Gestão Social

Supervisor: Peterson E. Gandolfi

SÃO PAULO - SP  
2011

## RESUMO

Ao longo da história, o trabalho adotou diferentes significados para o homem. Como forma de sustento material, como forma de satisfação pessoal, realização, como forma de manter-se ocupado, ou de socialização. A partir da Revolução Industrial, passa a predominar o caráter do trabalho de ser intrínseco e indispensável ao homem, para que este possa participar da sociedade e conviver em um ambiente social. Esse processo se intensifica na medida em que o capitalismo evolui e passa a exigir das pessoas um maior comprometimento e qualificação que somado a um aumento de produtividade advinda de um maior aparato tecnológico tem-se como consequência, o desemprego, a exclusão e a marginalização de pessoas. Associações e Cooperativas foram instituições que se constituíram como alternativas a essa exclusão, destacando-se o fenômeno das cooperativas de catadores ou cooperativas de recicladores de lixo. Baseado nos trabalhos de Morin (2002) e Morin, Tonelli e Plioplas (2007), o presente trabalho tem como objetivo entender os diferentes sentidos do trabalho para os cooperados que trabalham em uma cooperativa dos recicladores situada no município de Ituituaba/MG. A Copercicla é uma organização que tem aproximadamente oito anos de existência e sobreviveu por algumas crises políticas e econômicas a partir de um esforço concentrado da sociedade civil e da parceria com algumas organizações públicas. Como metodologia utilizou-se uma abordagem qualitativa a partir da estratégia do estudo de caso. Foram realizadas distintas técnicas de coleta e análise de dados como uma forma particular de investigação da realidade (YIN, 2001). Um diário de campo foi constituído a partir do processo de observação e participação que durou cerca de 20 dias no mês de julho de 2011. A presença dos pesquisadores aconteceu aleatoriamente nos períodos matutino e vespertino nos diversos setores dentro da cooperativa e nas viagens dos caminhões para coleta de material reciclado pelas ruas do município. Uma grande quantidade de documentos, atas e relatórios que foram disponibilizados aos pesquisadores que fizeram análise de conteúdo. Por fim, objetivando a triangulação de dados, realizou-se 20 entrevistas com roteiro semi-estruturado previamente definido. Todas elas foram autorizadas, gravadas e parcialmente transcritas. A justificativa para a utilização desse tipo de entrevistas reside no fato de que o entendimento da realidade pesquisada deve ser buscado no próprio discurso fornecido pelos entrevistados. À medida que eles falam de sua própria realidade, os entrevistados deixam transparecer, além dos fatos objetivos, elementos subjetivos que podem ajudar a esclarecer o fenômeno estudado. De modo geral, os resultados apontam que cooperados que talvez não tivessem outra

oportunidade de trabalho ou emprego, entendem que o trabalho em uma cooperativa de reciclagem possui um significado de contribuição ambiental para a sociedade. Além disso, fatores como sexo, idade, tempo de trabalho como cooperado, função que exerce na cooperativa e trabalho que exercia antes de adentrar na cooperativa são fatores que influenciam o entendimento sobre esses sentidos. Categorias como sobrevivência e falta de opção, convivência, aprendizado, conquista dentre outras foram encontradas. Por fim, o trabalho contribui por mostrar um amplo e variado entendimento do trabalho e seus significados dentre os cooperados em detrimento de um mero meio de sobrevivência.

**Palavras-chave:** sentidos do trabalho, cooperativa de recicladores, agentes ambientais, renda e trabalho

## ABSTRACT

Throughout history, work has adopted different meanings for the humankind, being seen as a way of ensuring livelihood, as a form of personal satisfaction and accomplishment, as a way of keeping oneself busy, or of socializing. From the Industrial Revolution on the intrinsic and indispensable character of work to man has begun to dominate, being necessary to follow it in order to participate in society and live in a social environment. This process intensifies as the extent of capitalism has evolved to require a greater commitment and qualification of people, which added to an increase in productivity arising from technological apparatus, has been led in consequence to unemployment, exclusion and marginalization of people. Cooperatives and Associations are institutions formed as an alternative to this exclusion, being the phenomenon of recycling cooperatives and cooperatives of garbage recyclers worth a closer look. Based on the work of Morin (2002) and Morin, Tonelli e Plioplas (2007), this study aims to understand the different meanings of work to their members who work in a recycling cooperative in the municipality of Ituiutaba / MG. The Copercicla is an organization eight years old and survivor of political and economic crises thanks to a concerted effort of civil society and partnership with some public organizations. The methodology used is a qualitative approach from the case study strategy. Different techniques have been conducted to collect and analyze data as a particular form of reality research (Yin, 2001). A field diary was composed from the process of observation and participation that lasted about 21 days in July 2011. The presence of the researchers happened randomly in the morning and evening in various sectors within the cooperative but not only, they have also been alongside the collectors aboard the collecting trucks by most of the neighborhoods of the city looking for solid waste. A large number of documents, minutes and reports were made available to the researchers who have made content analysis based on them. Finally, aiming data triangulation, 20 semi-structured and pre-defined interviews have been carried out. All of them have been authorized, recorded and partially transcribed. The justification for the use of such interviews is the fact that the understanding of the researched reality must be sought in the speech given by the interviewees. As they speak of their own reality, respondents let emerge, beyond the objective facts, subjective elements that can help clarify the phenomenon studied. Overall, the results indicate that cooperative members, who might not have another opportunity of work or employment, understand that working in a cooperative of recycling has a meaning of environmental contribution to society. In addition, factors such as sex, age, duration of work

as a cooperative, the role he plays in the cooperative and the work he has exercised before entering the cooperative are factors that influence the understanding of these meanings. Categories such as survival and lack of choice, socializing, learning, achievement, among other, were found in the study. Finally, this study helps by evidencing, from the perspective of the cooperatives themselves, the existence of a broad and varied understanding of the work and its meanings rather than a mere means of survival.

**Keywords:** meanings of work, cooperative recyclers, environmental agents, income and work

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                              | <b>8</b>  |
| 1.1 Apresentação do tema e sua relevância.....        | 8         |
| 1.2 Lacuna a ser preenchida.....                      | 9         |
| 1.3 Formulação do problema de pesquisa.....           | 9         |
| 1.4 Delimitação do objeto.....                        | 10        |
| 1.5 Objetivos do trabalho proposto.....               | 10        |
| 1.5.1 Objetivo geral.....                             | 10        |
| 1.5.2 Objetivos específicos.....                      | 11        |
| 1.6 Questões da pesquisa.....                         | 11        |
| 1.7 Contribuições esperadas.....                      | 11        |
| <b>2 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO.....</b>                   | <b>13</b> |
| <b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                     | <b>16</b> |
| <b>4 METODOLOGIA.....</b>                             | <b>22</b> |
| 4.1 Pesquisa bibliográfica.....                       | 22        |
| 4.2 A definição da Cooperativa para ser estudada..... | 22        |
| 4.3 Procedimentos de coleta de dados.....             | 23        |
| 4.4 Procedimentos de análise de dados.....            | 23        |
| <b>5 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>                       | <b>25</b> |
| 5.1 Trabalho como sobrevivência.....                  | 26        |
| 5.2 Trabalho como relacionamento.....                 | 28        |
| 5.3 Trabalho como oportunidade de crescimento.....    | 30        |
| 5.4 Trabalho como sentimento de orgulho.....          | 32        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                    | <b>34</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                               | <b>37</b> |

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação do tema e sua relevância

Este trabalho busca a compreensão dos diferentes sentidos do trabalho para os recicladores de lixo da cooperativa de reciclagem de Ituiutaba – Copercicla, procurando revelar qual é o papel do trabalho na vida destas pessoas e como ele transforma o modo como elas vivem.

Por se tratar de uma organização composta por vínculos de trabalho informais, a cooperativa é um ambiente no qual diferentes formas e sentidos de trabalho se estabelecem naturalmente, como consequência das relações pessoais que nela ocorrem.

Ao longo da história, o trabalho adota diferentes significados para o homem. Como forma de sustento material, como forma de satisfação pessoal, realização, como forma de manter-se ocupado, ou de socialização. E, a partir da Revolução Industrial, passa a predominar o caráter do trabalho de ser intrínseco e indispensável ao homem, para que este possa participar da sociedade e conviver em um ambiente social. Esse processo se intensifica na medida em que o capitalismo evolui e passa a exigir das pessoas um maior comprometimento.

Assim, foi inevitável o desemprego de muitas pessoas, como consequência da estruturação de um aparato tecnológico de maior eficiência e eficácia, das crises de mão de obra e da motivação das organizações por reduzir custos e aumentar o lucro, que culmina em demissões e estratégias que dispensam e marginalizam as pessoas. A estrutura atual do capitalismo não comporta a inclusão de todos no sistema, rejeitando mecanicamente aqueles que não podem contribuir para a geração de mais lucros.

É possível perceber que, recentemente, o discurso das organizações já vem carregado de uma preocupação social, mesmo que incipiente. Muitas já buscam reformular algumas ações e consequências, para minimizar seu impacto como agente transformadora.

As cooperativas buscam reconstruir essas relações do homem com o trabalho, por meio de relações horizontais de trabalho e uma gestão participativa e transparente. Assim, o estudo do sentido do trabalho para os cooperados revela qual o significado que este tem, na vida de pessoas que, em sua grande maioria, foram marginalizadas pelo sistema.



## **1.2 Lacuna a ser preenchida**

No trabalho de Morin (2002), a autora trabalha com os sentidos do trabalho para aluno dos cursos de graduação da HEC e para jovens executivos administradores. No trabalho de Morin, Tonelli e Plioplas (2007), as autoras também trabalharam com entrevistas semi-estruturadas com quinze alunos de um curso de especialização.

A partir dos dois trabalhos verifica-se a oportunidade do entendimento dos sentidos do trabalho para outra categoria de profissionais que estão excluídos dessa população já estudada. Percebe-se, assim, a importância de se identificar os sentidos do trabalho para pessoas que estão às margens dessa sociedade e que teoricamente trabalham para sobreviver.

## **1.3 Formulação do problema de pesquisa**

A partir da exposição apresentada, entende-se que a pesquisa conduz a identificação do problema que orienta o trabalho. O que foi rapidamente descrito nesse capítulo está mais bem observado nos próximos, mas resumidamente identificam-se as seguintes constatações:

- Os temas reciclagem e meio ambiente são de grande importância em termos mundiais;
- No Brasil eles vêm tomando força com o aumento do rigor das leis, principalmente em níveis municipais;
- Surgiram no país vários movimentos relacionados a associações e cooperativas de trabalhadores voltados à reciclagem de lixo como alternativas de inclusão ao mundo do trabalho;
- Na sociedade moderna, o trabalho é indispensável para que o homem possa participar e conviver em um ambiente social;
- Torna-se importante entender os significados atribuídos ao trabalho pelos envolvidos na reciclagem de lixo; e
- Existem poucos estudos relacionados ao sentido do trabalho para recicladores.

Dessa forma, é pertinente questionar o significado atribuído ao trabalho pelos trabalhadores relacionados à reciclagem de lixo. Em termos mais específicos é válido questionar:

Como os trabalhadores entendem e atribuem sentido ao seu trabalho nas cooperativas e associações de catadores ou recicladores de lixo?

#### **1.4 Delimitação do objeto**

Para a questão apresentada, propõe-se uma delimitação do objeto de estudo como recomendado para estudar um ambiente, compreendo sua importância, complexidade e inter-relacionamentos (Yin, 2001). Essa delimitação se dá por meio do enfoque dos trabalhadores em uma cooperativa de recicladores denominada Copercicla, localizada na cidade de Ituiutaba/MG no Pontal do Triângulo Mineiro. Entende-se a importância desse estudo devido aos seguintes fatores:

- A Copercicla é uma organização que tem aproximadamente oito anos de existência;
- A organização tem apoio de vários membros da sociedade civil e de algumas organizações públicas (municipal e federal);
- A existência de um Campus avançado de uma Universidade Federal que possibilita várias ações integradas de extensão e abertura à pesquisa;
- Possibilidade de investigar cooperados cuja alternativa ao trabalho da cooperativa seria em ocupações relativas ao plantio e colheita do agronegócio da cana-de-açúcar;

#### **1.5 Objetivos do trabalho proposto**

##### **1.5.1 Objetivo geral**

A partir da delimitação proposta, o presente estudo tem como objetivo geral identificar como os trabalhadores da Cooperativa dos Recicladores – Copercicla, localizada na cidade de Ituiutaba/MG, entendem e atribuem sentido ao seu trabalho.

### **1.5.2 Objetivos específicos**

Para alcance do objetivo geral, propõe-se uma sequência lógica de assuntos a serem tratados nos itens posteriores que especificamente envolvem:

- Identificar na literatura os conceitos relativos aos sentidos dados ao trabalho;
- Identificar quais desses conceitos são aplicáveis para os trabalhadores da Cooperativa de Recicladores.

### **1.6 Questões da pesquisa**

As hipóteses são suposições como o objetivo de se tentar antecipar as respostas do problema de pesquisa. Elas funcionam como balizadores e orientam o pesquisador na condução do trabalho. A partir do problema estabelecido, pretende-se responder as seguintes questões:

- Devido ao processo de exclusão e da dificuldade de se conseguir outras oportunidades de trabalho na região, os sentidos do trabalho para os cooperados da reciclagem estariam basicamente voltados à sobrevivência?
- Como o trabalho na cooperativa de trabalhadores está relacionado com o processo de reciclagem, o sentido do trabalho teria algum conceito relativo ao meio ambiente?

### **1.7 Contribuições esperadas**

O alcance dos objetivos levará a pesquisa proporcionar uma contribuição empírica à organização sob a forma do entendimento dos sentidos do trabalho aos cooperados que

provocará abertura para projetos de extensão e pesquisa em parceria com a universidade. Além disso, existem outros catadores que trabalham de forma autônoma na cidade. Outra contribuição pode ser esperada a partir da identificação dos sentidos do trabalho que prevalecem especificamente na cooperativa de recicladores, que é composta por uma população formada preponderantemente de excluídos dos sistemas tradicionais de trabalho e emprego.

## 2 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO

Ituiutaba, município do interior de Minas Gerais localizado próximo a Uberlândia, na região do Pontal do Triângulo Mineiro, tem população de 97 mil habitantes (IBGE, 2011) e quase 80% do seu PIB atualmente advém do 3º setor, muito embora a chegada recente de grandes empresas como duas sucroalcooleiras de grande porte esteja garantindo uma maior participação da Indústria na economia da região. Destino de migração bastante forte de trabalhadores vindos principalmente de Alagoas atraídos pelas oportunidades surgidas com o grande crescimento da cidade nos últimos anos, Ituiutaba começou a ter que lidar com desafios cada vez mais complexos.

Um destes desafios está ligado à destinação dos resíduos sólidos gerados no município, que em 2003 já chegavam a 45 toneladas por dia e eram depositados integralmente no depósito sanitário a céu aberto da cidade. Mais do que um problema ambiental, já que o chorume produzido poderia chegar em pouco tempo ao grande lençol freático existente sob a cidade, este lixo também representava um problema social bastante delicado. Afinal, aproximadamente 30 pessoas viviam no local sem estarem organizados em cooperativas ou associações e com pouca ou nenhuma perspectiva de procurar outras opções de vida.

Além disso, a partir de 2001, por determinação da COPAMS e através da Deliberação Normativa nº 52/2001, Ituiutaba precisaria construir um aterro sanitário que atendesse às necessidades do município, ficando a Superintendência de Água e Esgoto (SAE) incumbida desta importante tarefa.

O plano concebido para cumprir com as exigências impostas a Administração Municipal de Ituiutaba buscou desenvolver um programa de gestão de resíduos sólidos, conhecido por “Ituiutaba Recicla”, que reunia esforços de diferentes órgãos da cidade e apoio da iniciativa privada para resolver o problema dos resíduos sólidos na cidade. Por meio deste programa a cidade passaria a contar com um aterro sanitário que atenderia às necessidades da região, mas que por princípio não contemplaria a esteira de separação de lixo em suas instalações. Isto porque o mesmo programa incluía outro projeto de coleta seletiva que envolvia a criação de uma cooperativa de reciclagem, contemplando assim a separação de lixo antes do transporte deste até o aterro. Ambos os projetos, tanto o aterro quanto a cooperativa, seriam criados pela SAE.

Ao mesmo tempo, o programa também previa a organização da limpeza urbana, que ficaria a cargo da Secretaria de Obra; de uma produção mais limpa, responsabilidade da

Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Serviços; da educação ambiental na cidade, por meio da Secretaria de Educação; e da inclusão social, que ficaria por conta do Departamento de Desenvolvimento Social.

Como este projeto envolvia uma mobilização de recursos bastante representativa, a SAE procurou desenvolver o projeto de maneira que este que pudesse concorrer às verbas do Fundo Nacional do Meio Ambiente, uma vez que o município não tinha condições financeiras para realizá-lo por si só.

O Programa Municipal “Ituiutaba Recicla” acabou contemplado por envolver os aspectos fundamentais do gerenciamento integrado dos resíduos sólidos de forma inovadora, conquistando assim o primeiro lugar no edital do Fundo Nacional do Meio Ambiente em 2001, concorrendo com 220 projetos de outros municípios brasileiros. Ao recurso obtido nesta premiação foi acrescentado mais uma parcela de recursos próprios do município, viabilizando assim a construção do aterro sanitário de Ituiutaba e sua operacionalização em 2005, assim como a implementação dos demais projetos organizados sob a égide do programa.

Em 2001, a SAE criou a primeira Unidade de Coleta Seletiva de Ituiutaba, dando início ao processo que culminaria na criação da Copercicla. Nesta unidade funcionava a triagem dos resíduos sólidos coletados, os quais eram então destinados às indústrias de reciclagem parceiras do programa. Os serviços de coleta foram implantados inicialmente em 14 bairros da região leste da cidade como projeto-piloto e as pessoas que viviam no lixão foram estimuladas a vir trabalhar na Unidade de Coleta Seletiva.

Paralelamente, uma das primeiras iniciativas do programa foi garantir a conscientização dos moradores da cidade sobre a existência da Copercicla e a importância que esta tinha para o futuro do município. Isto se deu por meio da distribuição de impressos informativos à população e pelo trabalho da equipe de conscientização ambiental para coleta seletiva, que orientavam como fazer a separação dos materiais recicláveis e estimulavam a adesão dos habitantes de Ituiutaba. Como esta equipe teve bastante êxito dentro do seu propósito, não tardou a surgir um relacionamento entre comunidade e cooperativa, o qual foi desde o início essencial para que a coleta seletiva funcionasse. Afinal, a separação do material reciclável do lixo não reciclável, que continua a ser recolhido normalmente, depende exclusivamente da educação e boa vontade dos moradores.

A partir de 2002, a SAE começou a expansão da área de atuação da Coleta Seletiva e firmou um convênio com a Associação Ecológica Tijuco – ASETI, com objetivo de criar e assessorar a organização de catadores, envolvendo-os em projetos de desenvolvimento humano, e apoiar as ações de expansão sustentável da coleta seletiva. Os recursos alocados no

convênio eram destinados também ao pagamento de aluguel de caminhões de coleta, aluguel do galpão da central de coleta seletiva, vigilância, água, energia, telefone, uniformes, equipamentos de segurança individual e coletiva, materiais de escritórios, equipamentos de informática, lanches e serviços de limpeza.

Em 2003, com o aumento da área atendida pela coleta seletiva e o conseqüente aumento do volume de materiais coletados, foi criada a nova sede para a Central de Coleta Seletiva e a Cooperativa de Reciclagem de Ituiutaba – COPERCICLA. A partir do início da expansão da coleta seletiva, foram instalados sinos nos caminhões para que a comunidade identificasse a passagem dos cooperados pelas ruas, que tornaram-se referência na comunidade. Diversas ações de saúde e segurança do trabalho foram desenvolvidas pela SAE, como treinamentos, Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional (PCMSO), mapeamento dos processos por meio de instruções de trabalho, implantação de indicadores, mapeamento dos setores de coleta, entre outros. A ASETI desenvolveu programas de integração dos cooperados, como exercícios físicos chineses acompanhados de instrução profissional e educação para culinária com aproveitamento de alimentos.

Em maio de 2004 a Coleta Seletiva atingiu 100% da área urbana e, em 2005, quando o aterro sanitário ficou pronto, a coleta seletiva passou a ser responsabilidade da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos. De lá pra cá a Copercicla continuou se desenvolvendo, principalmente a partir da recente instalação de uma esteira para a separação dos matérias coletados. O aterro sanitário também se desenvolveu e, em pouco tempo, passou a ser referência na América Latina por sua excelente administração dos resíduos sólidos da região.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta uma breve discussão sobre o conceito de trabalho, a sua relação com o emprego, o significado do trabalho na modernidade e os sentidos do trabalho para Morin. Por fim, utiliza-se dos conceitos relativos aos sentidos dados ao trabalho identificados no trabalho Morin, Tonelli e Plioplas (2007).

O trabalho pode ser entendido a partir de diversas formas, Segundo Brief e Nord (1990), o único elemento que reúne os múltiplos significados do trabalho é uma atividade que tem um objetivo. Geralmente esta noção designa um gasto de energia mediante um conjunto de atividades coordenadas que visam produzir algo de útil. (Fryer e Payne, 1984; Shepherdson, 1984). O trabalho pode ser agradável e desagradável; pode ser associado ou não a trocas de natureza econômica. Pode ser executado ou não dentro de um emprego. De acordo com Fryer e Payne (1984), o trabalho seria uma atividade útil, determinada por um objetivo definido além do prazer gerado por sua execução.

Emprego está relacionado à ocupação de uma pessoa, correspondendo ao conjunto de atividades remuneradas em um sistema organizado economicamente. Como implica quase necessariamente a noção de salário e do consentimento do indivíduo em permitir que outra pessoa dite suas condições de trabalho, para a maioria das pessoas parece haver pouca diferença entre trabalho e emprego. Contudo, existem diferentes definições de trabalho em função das diferenças existentes entre os padrões de cada tipo de trabalho. England e Whiteley (1990) encontraram pelo menos seis tipos.

Na modernidade, não são raros os trabalhadores que possuem dificuldades para encontrar sentido em seus trabalhos. O fenômeno responsável por isso, surgido no começo do século 20 com a industrialização e a organização dos modos de produção de forma científica, é conhecido na sociologia como alienação. Este fenômeno faz com que muitas vezes não se saiba o que acontece dentro da organização a qual se dedica esforços nem se conheça os resultados que advêm das próprias ações, uma vez que o indivíduo eventualmente se torna um mero recurso dentro dela.

Apesar de este movimento ter gerado grandes ganhos em produtividade e resultados financeiros, a despersonalização característica que acompanhou tal método acabou em certa medida por negar a humanidade própria de cada um no trabalho. Não se deve desmerecer a importância do sucesso financeiro e da produtividade adquiridos com o desenvolvimento do trabalho, mas reconhecer dentro de sua esfera a importância do trabalho



humano, da existência humana e da dignidade humana se faz necessário para que não o encaremos como um problema. Afinal, o trabalho se torna problemático quando o indivíduo não consegue se relacionar a ele (Morin, 2004; Hillman apud Morin, 2004).

Segundo Hillman (1989), tem-se:

(... ) nós moralizamos o trabalho e o transformamos em problema, esquecendo que as mãos amam trabalhar e que nas mãos está a mente. Esquecendo que a ideia de ética no trabalho contribui na verdade pra impedir o trabalho... faz dele uma carga ao invés de um prazer. [...] e trabalho pode ser prazer, uma gratificação instintiva. As mãos querem fazer coisas elas mesmas, a mente ama se aplicar a alguma coisa. Trabalho é irreduzível. Nós não trabalhamos para coletar alimentos ou por poder dentro de uma tribo ou mesmo para conquistar ou comprar um carro e assim por diante. Trabalhamos pelo próprio trabalho em si, que nós traz alegria; mas é preciso ter sonhos para continuar trabalhando, e que as fantasias que temos hoje – econômicas e sociológicas – nos impedem de continuar trabalhando, de maneira que temos um grande problema de produtividade e qualidade no mundo ocidental. Nós temos trabalho onde não o queremos. Nós não queremos trabalhar. Porque não é como não querer comer ou fazer amor. É um instinto aleijado. E isso é culpa da psicologia: ela não dá conta do instinto de trabalho”. (HILLMAN, 1989, p. 171-172, tradução nossa).

O instinto de trabalho pode ser entendido como uma tendência inata e poderosa pelo exercício das capacidades mentais e físicas, das habilidades e talentos, em busca de atingir alguma coisa, conquistar um objetivo, criar, expressar-se, etc. Trabalhar é vital para seres humanos; é uma atividade crítica de preservação da própria saúde. O trabalho pode ajudar a reafirmar a identidade pessoal e estimular a autoestima. Pois quando o indivíduo consegue fazer um trabalho significativo acaba desenvolvendo um senso de identidade, valor e dignidade. Quando conquista resultados significativos, o indivíduo acaba conquistando a si mesmo, crescendo e percebendo seu potencial. De alguma forma, ele tem a oportunidade de se tornar quem ele é e de contribuir para a melhoria de seu próprio padrão de vida e o de sua comunidade. Trabalho não é só emprego, trabalho é uma atividade através da qual um indivíduo pode se encontrar seu lugar no mundo, criar novas relações, usar seus talentos, aprender e crescer, e ainda desenvolver sua identidade e senso de pertencimento. Trabalhar é uma forma de se provar a própria existência e, esperançosamente, descobrir que vale a pena viver; é, enfim, transcender a morte ao se deixar traços da própria passagem pelo mundo.

O trabalho representa um valor importante nas sociedades ocidentais contemporâneas, exercendo uma influência considerável sobre a motivação dos trabalhadores, assim como sobre sua satisfação e sua produtividade. (Herzberg, 1966, 1980, 1996; Hackman e Suttle, 1977) Compreender os sentidos do trabalho hoje é um desafio importante para os administradores, tendo em vista as múltiplas transformações que têm atingido as organizações e os “mundos do trabalho”.

Os principais motivos que levam as pessoas a trabalhar, fora as razões pecuniárias, são as seguintes: para se relacionar com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para se ter um objetivo de vida.

Os esforços para reorientar os comportamentos fora dos padrões e para reforçar os comportamentos produtivos ainda não são suficientes para solucionar os problemas de produtividade enfrentados pelas empresas. Ketchum e Trist (1992) acreditam que os problemas de desempenho organizacional dependem da organização do trabalho e, mais precisamente, do grau de correspondência entre as características das pessoas e as propriedades das atividades desempenhadas.

Por isso,

o princípio que guia a organização do trabalho é o de modificar os comportamentos de tal forma que, gradualmente, os trabalhadores sejam conduzidos a desenvolver atitudes positivas com relação às funções executadas, à empresa que os emprega e a eles próprios. É o comprometimento com o trabalho que constitui o principal indicador de uma organização eficaz. (Morin, 2004).

Vários modelos foram propostos para organizar o trabalho a fim de estimular o comprometimento. Hackman e Oldham (1976), por exemplo, desenvolveram um modelo em que procuram explicar como as interações, as características de um emprego e as diferenças individuais influenciam a motivação, a satisfação e a produtividade dos trabalhadores. Os autores também apontam que a necessidade de crescimento da pessoa é a responsável pela moderação das diferentes variáveis envolvidas. Além disso, têm impacto na motivação e satisfação com o trabalho o sentido que uma pessoa encontra na função exercida, o sentimento de responsabilidade que ela vivencia em relação aos resultados obtidos e o conhecimento de seu desempenho no trabalho. Desta forma, para estes autores o trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo. Contribuem ainda para dar sentido ao trabalho:

1. A variedade das tarefas: a capacidade de um trabalho requerer uma variedade de tarefas que exijam uma variedade de competências.
2. A identidade do trabalho: a capacidade de um trabalho permitir a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível, identificável.
3. O significado do trabalho: a capacidade de um trabalho ter um impacto significativo sobre o bem-estar ou sobre o trabalho de outras pessoas, seja na sua organização, seja no ambiente social.

A autonomia permite que a pessoa trabalhe com mais liberdade e independência, aferindo também um maior sentimento de responsabilidade pela realização das tarefas e pela obtenção dos objetivos fixados. Já o feedback é importante por permitir ao trabalhador ajustar seu desempenho para que alcance seus objetivos. Os cinco princípios de organização do trabalho destes autores são:

1. Reunião de tarefas;
2. Formação da unidade natural de trabalho – o que deu lugar à formação de equipes de trabalho (semi) autônomas;
3. Estabelecimento de relações do tipo cliente-fornecedor
4. Enriquecimento das tarefas
5. Colocação em prática de mecanismos de feedback sobre o desempenho.

Já na tentativa de compreender quais são os fatores e condições que fazem com que os indivíduos sejam comprometidos com seu trabalho, Eric Trist adotou a abordagem sóciotécnica em suas observações e pesquisas. Por meio da organização do trabalho, esta abordagem tem como objetivo promover e desenvolver o comprometimento dos trabalhadores, assim como melhorar o desempenho organizacional.

Portanto, seu o objetivo foi reorganizar o trabalho, de forma a atender e corresponder às motivações dos trabalhadores. Cabe observar que elas são tanto intrínsecas, como extrínsecas; ou seja, se referem às motivações internas do indivíduo, resultantes do trabalho em si - desejos e necessidades -, como também, às motivações externas, resultado do cotidiano do ambiente e das condições de trabalho – regras, salários, condições físicas e materiais.

Ketchum e Trist (1992) expõem algumas propriedades relativas ao trabalho que correspondem às expectativas; as condições deste trabalho são um salário justo e aceitável, estabilidade no emprego, vantagens apropriadas, a segurança, a saúde e processos adequados. Já de acordo com o trabalho em si, Emery (1964, 1976) e Trist (1978) apresentam outras seis propriedades, apresentadas a seguir:

A variedade e o desafio do trabalho, uma vez que é importante que o trabalho seja exigente, ou seja, demande um grau de envolvimento na realização das atividades e na resolução de problemas e situações, de forma a satisfazer o desejo do indivíduo de fazer uso de suas habilidades e competências. Isso reforça o sentimento de realização pessoal e competência - o que aumenta a motivação do trabalhado - e expande sua capacidade de pensamento e análise crítica.

A aprendizagem contínua, que contribui com o desenvolvimento pessoal do homem; que, por meio da constância nos estímulos e referências relacionadas à atividade realizada, encontra oportunidades de aprender e se desenvolver. As pessoas ficam satisfeitas por conhecer algo novo ou elaborar algum talento próprio. Além disso, um trabalho que propicia a aprendizagem contínua faz com que elas possam se desenvolver, o que é elemento importante de esperança de crescimento profissional.

Uma margem de manobra e a autonomia, que dá a possibilidade ao homem de tomar decisões, sendo responsável por analisar e fazer o julgamento, tomando decisões sobre a organização de seu trabalho. Além da autonomia, que permite o exercício do trabalho sem dependência direta de outras pessoas ou fatores. É importante que a organização do trabalho permita que este seja executado de forma a trazer resultados úteis, agregando valor a alguma coisa.

O reconhecimento e o apoio, uma vez que o trabalhador deve ter e sentir o reconhecimento, e receber o apoio, por parte de organização como um todo; o que traz motivação e sentimento de valor e utilidade para o trabalho e para o homem. Se a organização estabelecer mecanismos para demonstrar e explicitar o reconhecimento que ele exerce, o trabalho terá mais valor. Desta forma, cria-se um laço com a organização, uma vez que ele se sente amparado por esta.

Uma contribuição social que faz sentido, que atende às motivações do indivíduo de realizar uma atividade que tenha conseqüências sociais positivas; traduz o seu prazer de contribuir para com a sociedade. Isso faz com que o homem sinta que o trabalho que exerce é importante e digno – de certa forma, relacionada com a necessidade de reconhecimento. O trabalho deve ser feito de maneira socialmente responsável, respeitando as regras da sociedade em todo o seu processo.

Um futuro desejável, ou seja, o trabalho tem sentido quando faz com que as pessoas sintam que podem se desenvolver e crescer profissionalmente. A perspectiva de um futuro desejável confere este sentido a ele. Assim, uma organização deve ser clara quanto às oportunidades que oferece para cada trabalhador, de modo que suas expectativas sejam correspondentes.

Além disso, seguindo o modelo da abordagem sócio técnica, E. Jacques (1978) ressalta que, de forma a diminuir o sentimento de desocupação e a ansiedade, as pessoas buscam um trabalho que faz sentido, o qual as mantém ocupadas; para que se sintam completas.

É válido ressaltar que essas propriedades são relativas aos trabalhadores como um todo; contudo, aparecem de formas distintas, com grau de intensidade e importância diferentes, de acordo com o indivíduo e com o trabalho realizado por ele.

Como condições do emprego, tem-se:

- Um salário justo e aceitável
- Estabilidade no emprego
- Vantagens apropriadas
- A segurança
- A saúde
- Processos adequados

Entretanto, entende-se o trabalho em si como:

- Variedade e desafios
- Aprendizagem contínua
- Margem de manobra, autonomia
- Reconhecimento e apoio
- Contribuição social que faz sentido
- Um futuro desejável

No trabalho de Morin, Tonelli e Plioplas (2007), as autoras também trabalharam com entrevistas semi-estruturadas com quinze alunos de um curso de especialização. Para o presente estudo, tomar-se-á dos conceitos descritos no quadro 01 abaixo para o entendimento dos sentidos do trabalho para o objeto em estudo.

| <b>Principais Autores</b>                               | <b>Principais Conceitos</b>   |
|---|---|
| MOW (1987)  | O trabalho acrescenta valor a alguma coisa – Padrão A<br>O trabalho é central na vida das pessoas – Padrão B<br>O trabalho é uma atividade que beneficia os outros – Padrão C<br>O trabalho não é agradável – Padrão D<br>O trabalho é exigente física e mentalmente - Padrão E<br>O trabalho é uma atividade regular remunerada – Padrão F |
| Emery (1964, 1976)<br>Trist (1978)<br>E. Jacques (1978) | O trabalho apresenta variedades e desafiador<br>O trabalho traz aprendizagem contínua<br>O trabalho permite autonomia e decisão<br>O trabalho é reconhecido<br>O trabalho traz contribuição social<br>O trabalho pode ser usado como uma defesa contra a angústia   |
| Morin (1996, 1997, 2002)                                | O trabalho é eficiente e produz um resultado útil<br>Há prazer na realização da tarefa<br>O trabalho permite autonomia<br>O trabalho é fonte de relações humanas satisfatórias<br>O trabalho mantém as pessoas ocupadas<br>O trabalho é moralmente aceitável  |

Quadro 01 – Principais autores e principais conceitos sobre os sentidos do trabalho

**Fonte:** Morin, Tonelli e Plioplas (2007)

## **4 METODOLOGIA**

O presente estudo é de natureza aplicada com uma abordagem qualitativa. O método de procedimento utilizado foi o estudo de caso por se mostrar o mais adequado para avaliar o fenômeno em seu ambiente natural (Yin, 2001).

A pesquisa foi realizada a partir dos procedimentos destacados abaixo:

### **4.1 Pesquisa bibliográfica**

Com o objetivo de serem identificados os principais textos sobre o tema “sentidos do trabalho” e “cooperativas/associações de recicladores/catadores” elaborou-se um levantamento bibliográfico em periódicos nas principais revistas da administração a partir das bases SCIELO e na base CAPES. Foram identificados poucos trabalhos envolvendo o tema “sentidos do trabalho”, mas nenhum trabalho que tratasse especificamente sobre os “sentidos do trabalho em cooperativas de recicladores”.

### **4.2 A definição da Cooperativa para ser estudada**

A organização a ser estudada é a Copercicla, organização localizada na cidade de Ituiutaba/MG no Pontal do Triângulo Mineiro. A cooperativa em questão foi criada a partir do projeto Ituiutaba Recicla e inicialmente coordenada pela Superintendência de Água e Esgotos de Ituiutaba – SAE. A proposta inicial era de trabalhar com a conscientização para questões ambientais, como por exemplo a reciclagem do lixo doméstico, e o resgate das pessoas que viviam e sobreviviam do antigo lixão da cidade a partir da coleta e venda de materiais recicláveis.

Atualmente, a Copercicla é composta por 34 sócios sendo 21 mulheres e 13 homens. Ela está localizada na Rua sete número 634, no Bairro Progresso, na cidade de Ituiutaba. A cooperativa possui uma estrutura frontal com escritório, salas e cozinha. Nos fundos existe um galpão com maquinários para armazenagem, separação por meio de uma esteira, prensas e estocagem. Fora dessa estrutura, destaca-se a equipe de coleta nas ruas da cidade por meio de quatro veículos adaptados para armazenagem até a sede da cooperativa. Abordagem qualitativa de pesquisa, fontes de dados (entrevista, observação, documentos), amostragem (formação do corpus), triangulação das fontes de dados.

### **4.3 Procedimentos de coleta de dados**

O processo de observação e participação dos pesquisadores na cooperativa durou 21 dias e aconteceu no mês de julho de 2011. Foi elaborado um diário de campo contendo o detalhamento das observações feitas a cada dia na cooperativa. Os pesquisadores acompanharam a dinâmica das relações por meio de visitas que aconteceram aleatoriamente nos períodos matutino e vespertino nos diversos setores dentro da cooperativa, além das viagens nos veículos para coleta de material reciclado pelas ruas do município.

Uma grande quantidade de documentos, atas e relatórios que representa um período de aproximadamente seis anos de funcionamento da cooperativa foram disponibilizados para consulta. Estes documentos foram estudados e analisados. Objetivando a triangulação de dados, realizou-se entrevistas com roteiro semi-estruturado previamente definido. Todas elas foram autorizadas, gravadas e parcialmente transcritas.

A definição da amostra de pessoas a serem entrevistadas foi intencionalmente definida (Eisenhardt,1989) a partir de duas condições: (1) interesse do entrevistado e (2) pessoas representantes de todas as áreas e funções dentro da cooperativa.

A condição (1) se deu pelo convite a todos os membros da cooperativa. Eles poderiam escolher se tinham ou não interesse em participar da entrevista além de definirem o local e horário dessa entrevista. A condição (2) foi definida para se ter a uma visão do trabalho nas diferentes áreas de coleta na rua, separação na esteira, escritório, prensa e armazenagem.

A validação dos dados se deu pela triangulação entre as informações contidas nos documentos, nas anotações do diário de campo proveniente da observação e nas entrevistas. Cabe destacar que no decorrer da entrevista, os pesquisadores puderam investigar mais profundamente pontos que, embora não estivessem no roteiro original, eram relevantes para a compreensão do fenômeno estudado.

### **4.4 Procedimentos de análise de dados**

A análise de dados se deu a partir da técnica análise de discurso descrita em Bardin (1977). Nela identificou-se as seguintes categorias de análise: (1) trabalho como

sobrevivência; (2) trabalho como relacionamento; (3) trabalho como oportunidade de crescimento; e (4) trabalho como sentimento de orgulho.

A verificação dessas categorias de análise foi feita a partir do entendimento da história de cada cooperado levando-se em consideração suas origens por meio do município de onde veio, do tempo de cooperativa e principalmente das ocupações anteriores antes de entrar na cooperativa. Por fim, considera-se como confiável e válido as inferências feitas a partir da triangulação realizada por meio da observação e da investigação documental.



## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Ao todo 31 entrevistas foram realizadas, mas 4 delas foram descartadas devido às condições inadequadas dos entrevistados ou dos locais de entrevista, e outras 7 foram invalidadas por algum tipo de problema na gravação e/ou transcrição dos dados, totalizando 20 entrevistas.

Essas entrevistas foram realizadas prioritariamente na casa (16 delas) dos cooperados enquanto somente 4 entrevistas foram realizadas na própria cooperativa em horário de almoço ou final do expediente. O tempo médio foi de aproximadamente 52 minutos de entrevistas, sendo a mais demorada de 125 minutos e a de menor duração de 20 minutos. Destaca-se que as entrevistas feitas das casas dos cooperados tiveram duração média de 58 minutos enquanto as entrevistas realizadas nas dependências da cooperativa foram de 35 minutos em média.

Dos entrevistados 12 eram do sexo feminino enquanto 8 eram do sexo masculino. No geral, eles tinham idade média de 42 anos. Para os homens entrevistados a idade média era de 52 anos enquanto a das mulheres era de 37 anos.

Entrevistou-se pessoas pertencentes a todas as funções, destacando-se 01 administrador, 04 catadores/coletadores, 5 cooperadas da esteira, 2 motoristas, 2 trabalhadores das prensas e 6 que trabalhavam em diversas funções, dentre elas, coleta, esteira, prensa e diversos.

Em relação às cidades de origem, todos vieram de outras cidades, sendo 2 pessoas do interior do estado de Minas Gerais e o restante de outras cidades do interior do nordeste.

Em termos de escolaridade, 4 pessoas se declararam analfabetas, 14 com ensino fundamental incompleto distribuídas nas diversas séries, havendo somente 2 com estudo até a 8ª série e 2 com colegial completo.

A renda básica de cada cooperado era de R\$ 600, ainda que 8 pessoas tivessem renda superior a R\$ 1000 e 3 pessoas contassem com renda superior a R\$ 3000 (o que pode ser explicado pelo aluguel dos veículos de coleta de reciclados).

A partir desse perfil foram identificadas 4 categorias de análise para os sentidos do trabalho. São elas: (1) trabalho como sobrevivência; (2) trabalho como relacionamento; (3) trabalho como oportunidade de crescimento; e (4) trabalho como sentimento de orgulho.

## 5.1 Trabalho como sobrevivência

A principal característica encontrada foi o entendimento do trabalho como meio de sobrevivência. Como descrito acima, os cooperados possuem uma renda muito baixa, que não garante condições dignas de vida e, em sua maioria, a renda da cooperativa representa a única renda disponível. Portanto, sua principal preocupação não é garantir uma vida digna, mas a sobrevivência em si – ou seja, o acesso a alimentos, água potável, vestuário, sono, conforme a teoria da pirâmide de Maslow (1975). Assim, o trabalho como sobrevivência é a principal característica pertencente ao sentido do trabalho para os cooperados.

De forma a ilustrar essa visão, o entrevistado 6 disse: "ajuda porque eu tenho meu salário todo mês. Dá pra pagar a água, luz, fazer comida para os meus filhos, porque, o dinheiro que eu tenho é de lá". Esse trecho revela que a preocupação é, de fato, com a garantia de sobrevivência nas necessidades humanas básicas. Já o entrevistado 8 possui uma visão semelhante, quando diz que, se não trabalhasse na cooperativa, morreria de fome.

Portanto, uma das funções da cooperativa é dar condições aos cooperados para que possam viver e comprar insumos básicos, necessários à sobrevivência. O cooperado 8, com relação a isso, disse: "Mudou tudo. Lá em Alagoas nunca consegui comprar uma roupa pra esses meninos. Não tinha nada, nada. Tinha só as roupas mesmo". Em seguida, comenta como a cooperativa foi fundamental para alterar esse quadro de miséria. De uma forma mais direta, o entrevistado 1 diz a mesma coisa: "o dinheiro que a gente ganha lá dá pra sobreviver."

Além da questão da sobrevivência, os cooperados tem uma cultura organizacional interessante, que pressupõe o aproveitamento e uso de materiais relativamente conservados, provenientes do lixo que chega na cooperativa. Este processo acontece em diversas etapas do trabalho, iniciando-se na coleta, quando os sacos de lixo são abertos no caminhão, no despejo do lixo nos bags, na esteira, quando o lixo passa pela observação de muitos cooperados e na prensa, em menor escala. O entrevistado 1 revela essa situação: "eu acho muito bom lá. A gente ganha muita coisa de lá. Muita coisa eu pego lá". Objetos como brinquedos, roupas, materiais escolares, eletrônicos, entre outras, são frequentemente encontrados no lixo e reaproveitados pelos cooperados.

Muitos dos cooperados têm dificuldade em encontrar emprego em outros lugares, que não desejam absorver sua mão de obra; isso porque alguns têm problemas de saúde que comprometem ou limitam o trabalho, problemas pessoais na família, não possuem a

qualificação necessária para realizar outras tarefas, visto que poucos estudaram até o segundo grau, ou pelo preconceito que sofrem, dado sua origem e forma de vida humilde, do qual, naturalmente, não têm controle ou opção. Portanto, percebemos que, pela forma como o capitalismo está estruturado, este não comporta e não absorve toda a mão de obra disponível, marginalizando os menos qualificados, que, por conta disso, são ignorados pela sociedade e, muitas vezes, pelo governo.

Como exemplo, podemos citar o discurso do cooperado 17, falando sobre outro cooperado: “tem gente, como o seu João (nome fictício) e a esposa dele, que já tão com idade avançada e empresa nenhuma quer mais eles. As mulher, poucas se saísse dali as empresa contrata. Ali é a casa deles come, dormi, beber [...], é tudo dali. Gente mais nova, se chega na cooperativa não fica: o trabalho é muito e o ganho é pouco.” Isso permite afirmarmos que os cooperados dependem, de fato, do trabalho da cooperativa para participarem, nem que seja minimamente, do capitalismo, da vida em sociedade e do que o salário que recebem permite-lhes comprar.

Porém, os cooperados reconhecem que o trabalho não é simples e que suas condições não são as melhores. O entrevistado 14 mostra esta relação entre o trabalho árduo e a sobrevivência: “trabalha muito e ganha pouco, mas a gente tem que pelear, senão não come e não bebe. A gente tem que trabalhar pra ver se dá uma ajudinha pra dentro de casa, pra comprar uma mistura.” Já o entrevistado 17, faz uma referência à pouca quantidade de dinheiro que recebem: “se desse pra aumentar mais uns 50 (fazendo referência a R\$ 50,00 a mais no salário por mês), principalmente pra nós que vive de aluguel, [faria muita diferença].”

Quanto às condições do trabalho em si, existe um estranhamento comum, proveniente de ser um trabalho relacionado no qual se convive de maneira muito próxima com o lixo. O entrevistado 12 explica o que sentiu ao entrar na cooperativa: “no começo eu achei o trabalho estranho. ... Pegando no lixo, naquele material todo molhado. Eu olhava e dizia meu Deus, onde eu vim parar? Eu que vivia bem agora tudo no meio do lixo”.

Cabe observar que a maioria dos cooperados veio do lixão, do trabalho pesado em indústrias ou da roça. Assim, alguns reconhecem que as condições de trabalho melhoraram, como é o caso do entrevistado 1, que diz que o trabalho melhorou porque na roça o sol era muito intenso e, na cooperativa, tem sombra e segurança. Outros cooperados, em contrapartida, reclamam das condições. “Eu trabalho ali porque eu preciso, porque eu preciso. Porque eu sou muito alérgica.”, disse a entrevistada 7, fazendo referência a um problema de saúde que possui. Já o entrevistado 16, contrapondo o argumento do entrevistado 1, reclama do sol, presente na coleta de lixo nas ruas: “a gente fica torrando no sol quente, né?”.

Portanto, podemos afirmar que a Copercicla tem papel fundamental na garantia do acesso às necessidades básicas, por parte dos cooperados. Contudo, além da questão financeira, existem outros fatores com os quais a cooperativa contribui significativamente. O relato do entrevistado 18 mostra isso, de uma maneira mais clara. “Eu vejo meus colegas ali, fico analisando, e percebo que não é só dificuldade financeira, é profissional, não tem um estudo que ajude. Eu acho que tem muita gente ali que não conseguiria viver sem a cooperativa. E pra conviver também [...] eles são pessoas que têm muitos problemas, você nota que as pessoas chegam às vezes falando do marido, outras dos filhos, outra fala não sei do que, parece que aquilo ali ajuda eles, sabe? Eles trocam conselho, tal [...] O pessoal é muito limitado, e dependem muito uns dos outros.

## **5.2 Trabalho como relacionamento**

Ao longo das entrevistas nos surpreendemos em alguns momentos com a importância que o trabalho na cooperativa tinha pros cooperados enquanto espaço de desenvolvimento da afetividade individual de cada um. Mais do que um simples compartilhamento de conhecimentos utilitaristas, dentro da Copercicla a construção dos relacionamentos intraorganizacionais acabavam proporcionando aproximações individuais, relacionais, axiológicas. Embora houvesse certa barreira entre as três diferentes áreas da cooperativa (pessoal da coleta, da esteira e da prensa, sem contar a administração), que repercutia às vezes em ponderações hostis dos cooperados em relação aos seus colegas, o mais frequente era identificarmos justamente a importância que aquele tipo de convívio representava para todos ali envolvidos, como destacado pelo Entrevistado 18:

“Financeiramente, a cooperativa não traz grande rendimento. O importante é o pessoal: a gente se sente bem trabalhando no lado deles. É um pessoal alegre, pessoal amigo, humilde. E hoje eu tenho alguma coisa pra fazer”.

O Entrevistado 2 também ilustrou bem isso: "O pessoal é muito bom. São legais."; "Todo mundo gosta de mim. Eu me dou bem com todo mundo." E o Entrevistado 6 confirmou: "Lá todo mundo gosta de mim. Eu não tenho problema com ninguém."

Ao se falar sobre relacionamento evoca-se a noção de cooperação. Segundo Uchida et al (2011), o processo de estabelecer, de forma deliberada e intencional, um processo ontológico de cooperação de longo alcance, parece passar por “experimentações”

que vão da “curiosidade” por algo novo, passando pela “atração” por uma possibilidade de ganho egoístico, até chegar a níveis mais complexos e sofisticados de confiança, que sustentam envolvimento mais radical.

O início da construção de cooperação na Copercicla se deu, seguindo esta lógica, com a divulgação da cooperativa que procurou desde o início atrair os antigos trabalhadores do lixão municipal. Com o tempo outros se sentiram curiosos e foram conhecer a organização, como salientado pela Entrevistada 20: “Apesar de ser uma cooperativa, não ser grande, tá bem falada, vem o pessoal de fora conhecer, tá muito bom lá.”

Quem consegue ser admitido na cooperativa demonstra reconhecer a importância que aquilo tem em suas vidas, apesar das dificuldades. O ganho egoístico, no caso, recompensaria certos sacrifícios por ser uma alternativa, no fim, suficientemente aceitável: “Não é fácil não. O emprego ajudou, o salário. Mas não é fácil conviver com muita gente não. Ali tem muita gente boa, mas também tem muita gente má, muita mesmo. [...] Eu trabalho ali porque eu preciso, porque eu preciso. Porque eu sou muito alérgica.” Entrevistado 7

Com o tempo, no entanto, o relacionamento entre os cooperados vai ganhando novos sentidos e significados. Comparações com os empregos antigos também emergem, de forma que em meio às contraposições e reflexões, a vida dentro da Copercicla vai ganhando sentido próprio e as pessoas vão forjando sua identidade nela: “No trabalho é tudo fechado. Ninguém aceita opinião. [...] As pessoas te chamam de chata se você reclama. A gente tem medo, não fala não. [...] Eles falam: cada um faz a sua parte e esquece o outro. Não pode ser assim.” Entrevistado 5

Assim, se a pessoa tiver conseguido se inserir dentro do grupo, ela não tarda a começar ver seus colegas de trabalho como companheiros. No começo de modo um pouco mais desconfiado – “É bom o trabalho. Eu gosto. Mas é ruim porque sai muita fofoca.” Entrevistado 8 –, mas com o tempo cada vez mais à vontade: “Gosto do pessoal. Já acostumei com o grupo.” Entrevistado 14. “Eu me dou muito bem com as pessoas que trabalham lá.” Entrevistado 12.

Além de se acostumar com as pessoas, elas passam a fazer parte de fato na vida uma das outras. Deste modo as relações de cooperação ficam cada vez mais fortes e evidentes, assim que a confiança entre os envolvidos se torna maior. Isso se dá, por sua vez, através do crescente compartilhamento de valores: “Você precisa ver o que aquele povo fala. Acho que a cooperativa tem ajudado muito o pessoal, até em convivência marido-mulher: as pessoas perguntam entre si o que cada um faz, e tal. E como às vezes não têm com quem dividir essas coisas, chegam na cooperativa e expõem essas coisas pra saber o que fazer! Até

coisa de médico, teve vez que um rapaz chegou pra mim e disse que tava com dor de dente e perguntou como que era pra ir no médico. Aí eu falei que não, que dor de dente não é médico, é dentista! Pra outros eu conto que não se deve largar as crianças sozinhas, e tal. Acho que aquilo ali serve de terapia pro pessoal.” Entrevistado 18

A confiança aumenta também quando melhora a comunicação entre as pessoas. A melhoria trazida com a recente instalação da esteira, por isto, também trouxe resultados notáveis. Além dos salários terem ficado maiores, aumentando as possibilidades de “ganho egoístico”, um dos entrevistados salientou que a própria disposição física das instalações da Copercicla facilitou o relacionamento do pessoal dentro dela: "O que melhorou mais pra nós foi a esteira. E melhorou a convivência também das pessoas. Com a esteira, um fica de frente para o outro." Entrevistado 2

Por fim, as barreiras para existência de comportamento oportunista fazem com que a confiança chegue ao nível necessário para se estabelecer e preservar a cooperação entre parceiros e a resistir às opções de curto prazo (como ir trabalhar nas usinas sucroalcooleiras), além de estimular o investimento em oportunidades que seriam consideradas de alto risco caso não houvesse a expectativa dos parceiros serem comprometidos e desprovidos de intenção de agir oportunisticamente: “Eu acho que numa empresa normal não tem esse relacionamento, aqui é mais humano. Numa empresa normal, naquilo que é particular é cada um por si, enquanto aqui se pensa muito em conjunto. Lá acho que essas pessoas não teria o calor humano que tem aqui dentro. As pessoas são mais unidas. No cooperativismo é todo mundo ajudando uns aos outros, cooperando um com o outro, e sem muitos fins lucrativos. Todo mundo está no mesmo barco, com um objetivo só.” Entrevistado 18

### **5.3 Trabalho como oportunidade de crescimento**

Uma reflexão feita em campo parece fazer bastante sentido depois das análises. Apesar de não haver grande sofisticação no trabalho desempenhado dentro da cooperativa, é possível que o simples fato de haver mais de uma atividade a ser desenvolvida dentro dela por cada funcionário já faça com que estes se sintam mais importantes institucionalmente. Isso, aliado ao fato de que grande parte dos cooperados se sente mais importante dentro da Copercicla do que em relação aos outros lugares por onde passaram, acaba fazendo com que

os cooperados tenham mais esperança em suas possibilidades. "Hoje tenho futuro. Estou vencendo." Entrevistado 6

Parece que os cooperados também se sentem satisfeitos em saberem sobre a importância do trabalho que executam hoje, ou seja, em terem ciência do sentido que seu trabalho possui: "Aprendi a reciclar." Entrevistado 20. "É bom estar no meio dos meus colegas, fazendo alguma coisa, e fazendo alguma coisa pelo meio ambiente. Gostei da filosofia de ela participar do meio, e eu participo de uma turma que faz alguma coisa". Entrevistado 18

As vitórias do grupo, como a instalação da esteira, também contribuem para que eles sintam mais confiança no porvindouro: "A gente enfrentou tudo. Ninguém abandonou o barco. Que nós tinha esperança que ia mudar que nem mudou. E tenho fé que vai mudar mais agora com essa esteira" Entrevistado 11

Mas nem todos estão convictos da sua posição dentro da cooperativa. Isto é natural na medida em que os laços axiológicos do grupo formado não abarcam as expectativas e valores de todos os nele presentes. Isto faz com que aqueles que não partilham dele acabem antes ou depois saindo do grupo, seja por iniciativa própria ou de terceiros. "Às vezes eu tenho vontade de sair de lá.[...] Eu quero uma melhora pra mim. Eu não quero continuar lá. Eu tô com 24 anos. [...] Eu gosto mais ou menos do trabalho, porque assim, é cansativo. E eu quero uma vida melhor." Entrevistado 10.

Outros, quando chegam, vão se vinculando aos poucos ao *ethos* do grupo e vão aos poucos ajudando a mantê-lo, quando o repassam para outras pessoas: "É como eu que tô aqui, aprendendo com vocês, e vou aprender cada vez mais. Cada dia mais eu vô aprendendo umas coisinha aqui, outra lá, e devargazinho, ensinando mais umas outra pessoa que vão chegando lá..." Entrevistado 17. "Ali [a cooperativa] bem dizer é uma escola. Pra ensinar e a gente aprender. Aprendi muitas coisa ali convivendo o dia a dia com o pessoal, as mulher, os home. Dividir pra se manter, ali da reciclagem elas ganha os pão, pra se manter." Entrevistado 17.

Já aqueles que se mostram satisfeitos com o compromisso firmado demonstram, em maior ou menor grau, estarem acolhidos na situação: "Mas ali é bom, você trabalha, você pega seu dinheirinho... mesmo sem carteira assinada você vai ganhando seu dinheiro, né? Eu pelo menos quando acabar minha casa aqui não vou trabalhar pra ninguém não. Não vou não." Entrevistado 16. "Eu vou ficando ali, mas sempre pensando no futuro que não é só trabalhar clandestino direto e trabalhar pros outros, tem que pensar também em juntar um pé de meia. Futuro. Tem que pensar também em estudar, pra amanhã ou depois inventar qualquer

coisa pra vender, ou sei lá. Que senão fica trabalhando até aposentar e aí só sobra o dinheiro do caixão.” Entrevistado 17. “Mesmo quem tá encostado, sem opção nenhuma, dá conta de fazer aquele serviço da cooperativa. É na sombra, não é tão pesado, sem contar que as pessoas têm tido mais acesso às coisas que a prefeitura oferece...” Entrevistado 18

A chegada da UFU, ou seja, o contato com uma instituição respeitada localmente, também produz efeito positivo para os cooperados, que parecem se sentir mais valorizados e a reconhecer seu próprio valor: “Depois que o professor chegou mais vocês, aí a coisa eu tô vendo que tá melhorando. Mas de primeira, amigo, era sufoco. Era difícil ver gente ali pra ensinar, explicar, estudar o caso como vocês estão estudando o caso, ensinando a gente. Por isso que eu falei pro Zé: depois que a esse pessoal aí tá chegando a coisa tá melhorando mais!” Entrevistado 17

#### **5.4 Trabalho como sentimento de orgulho**

O trabalho na cooperativa também é motivo de orgulho para muito trabalhadores. Estes reconhecem o impacto que seu trabalho tem na cidade, na vida das pessoas e no meio ambiente. O conhecimento que têm sobre sustentabilidade e os seus temas correlatos é muito pequeno. Porém, apesar de não terem recebido uma educação de boa qualidade e tido contato com esse tipo de informação, ao entrar na cooperativa, é possível perceber um senso entre os trabalhadores de promover algo melhor para todos – eles, os cooperados, e Ituiutaba como um todo.

É curioso notar que na cidade, excluindo-se as pessoas que fazem a separação do lixo reciclável, não há um reconhecimento grande do trabalho que realizam. A prefeitura já manteve um relacionamento mais próximo com a Coopericla, contribuindo significativamente com seu funcionamento, por meio de doações e benefícios. Hoje, contudo, a subvenção não é mais recebida. Ainda assim, os cooperados gostam do trabalho que fazem e do impacto que este tem no meio ambiente; fazem aquilo como forma de se sustentarem e de trazerem um bem para a sociedade.

A falta de reconhecimento da contribuição da Coopericla pode ser expressa pela passagem da entrevista 16: “todo mundo devia ajudar, né? Se o povo quisesse a cidade limpa eles ajudavam, né?”. O entrevistado 17 discorre mais a fundo sobre isso: “aprendi a trabalhar em reciclagem, né? [...] Que é cuidar do meio ambiente, né? Mas cuidar não só pra mim, pra



mim e pros outros, né? Às vezes os outro não entende o que é reciclagem, a maioria das reciclagem eles joga no lixo, joga na rua e dá entupimento, causa doença nos filhos deles, na gente mesmo, mas se a maioria entendesse o que é meio ambiente, alguém ensinasse pra eles, era melhor né? Eles via e aprendia”.

Dado as condições de vida que boa parte dos cooperados tinha e suas melhoras com a entrada na cooperativa, dado o histórico dela e o crescimento que teve, é natural que os trabalhadores sintam-se orgulhosos do trabalho que realizam. Alguns inclusive disseram se sentir donos dela, como de fato o são; e ficam muito agradecidos e satisfeitos, pela oportunidade que tiveram. O entrevistado 9 relata isso: “nós vive num paraíso rico. Fui criada num lugar tão pobre que eu não tinha nem uma roupa pra usar. [...] Aqui é um paraíso.”

A cooperativa já foi procurada, algumas vezes, por grupos de estudos, universidades, pela mídia e outras pessoas, para que o trabalho nela fosse divulgado e desenvolvido, com a ajuda de profissionais. Porém, a procura acontece, em sua maioria, por pessoas de fora da cidade de Ituiutaba, o que reafirma a falta de reconhecimento e valorização da Copercicla na cidade. Um dos entrevistados expõe essa situação: “apesar de ser uma cooperativa, não ser grande, tá bem falada, vem o pessoal de fora conhecer, tá muito bom lá. Só o pessoal de escola quando vem conhecer que vem tapando o nariz que é ruim. Vô logo falando ‘menino, tira a mão das venta aí’, que na cooperativa não tem mau cheiro não”.

Da passagem anterior, também podemos constatar que as pessoas de fora da cooperativa têm preconceito com o trabalho realizado, porque este envolve o lixo, e com as pessoas que nela trabalham, que são pessoas que beiram a miséria. Assim, percebemos que nas visitas e no pouco contato com os cooperados, as outras pessoas sentem-se intimidadas e preferem evitá-lo.

No entanto, são poucos cooperados que realmente não demonstram se sentirem à vontade e bem por trabalhar no ambiente da cooperativa, diretamente com o lixo. A maior parte vê nela muito valor, tanto pela questão da sobrevivência em si, do relacionamento entre os cooperados, das oportunidades de crescimento e do orgulho pelo trabalho e pela causa. O entrevistado 18, por exemplo, revela a importância dela e seu impacto: “eu acho [a cooperativa] uma coisa espetacular. O que estão fazendo pelo meio ambiente, sem contar as 40 famílias que dependem daquilo ali, são pessoas humildes, pobres, principalmente do lado feminino, que tem mais mulher que ajudam o marido”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de ir a campo conhecer uma realidade diferente durante as férias de inverno com o Conexão Local sempre nos atraiu bastante, de forma que foi muito gratificante termos sido escolhidos para participar dele na edição de 2011.

Já nos preparativos em São Paulo começou nosso aprendizado, uma vez que além das instruções oficiais dadas pelos professores da FGV-EAESP também tivemos que começar a buscar informações sobre a cidade onde iríamos morar e sobre o nosso objeto de estudo. O foco do trabalho, porém, mudou algumas vezes antes de se voltar para a experiência de Ituiutaba. Isto porque, antes de ser definida a nossa ida para lá, estava quase certo de que iríamos para Normandia, em Roraima, estudar o impacto dos Correspondentes Bancários na cidade, quando uma enchente na região nos obrigou a mudar às pressas nossos planos.

Tivemos sorte de conseguir o apoio do professor Peterson E. Gandolfi, da Universidade Federal de Uberlândia, que desde o início abraçou o projeto com grande entusiasmo e foi o maior responsável pela viabilização da experiência em Ituiutaba.

A vivência em uma pequena cidade como Ituiutaba, para quem vive em São Paulo, merece destaque dentro da nossa experiência. Além de a cidade viver em um ritmo muito diferente, conhecer a hospitalidade do povo mineiro tornou nosso mês de julho muito mais proveitoso.

Em Ituiutaba também tivemos a chance de conhecer como funciona um curso de Administração fora da FGV e quais são as perspectivas e sonhos daqueles que nele estudam. Além das diferenças evidentes, como a estrutura física da Universidade e o acervo da biblioteca que o curso da UFU possui, foi interessante descobrir como são os estágios na cidade e em que áreas as pessoas preferem focar suas carreiras. O grupo de alunos da Universidade Federal de Uberlândia nos recebeu e buscou que nos inseríssemos no ambiente da cooperativa, e na cidade de Ituiutaba como um todo. Também foi possível realizar troca de experiências acadêmicas, como conhecer quais os cursos que a universidade oferece, sua estrutura, bem como as oportunidades do mercado de ambos lugares, Ituiutaba e São Paulo. Por exemplo, enquanto na EAESP os alunos se focam muito em Finanças e disputam estágios em bancos de investimento ou programas de trainee em grandes multinacionais, em Ituiutaba os alunos não são obrigados a fazer estágio e se voltam com frequência pro agronegócio.

A convivência com outros alunos, de minha e de outra faculdade, foram interessantes na medida em que tornaram as observações e a vivência diferenciadas, por meio de suas contribuições.

Mas nada disso se comparou com a experiência de conhecer uma cooperativa de reciclagem a fundo, desde o contexto que a envolve até a realidade de cada um dos catadores. Apesar do impacto inicial um pouco forte, pois olhar pra dentro da cooperativa e ver lixo por toda parte sabendo que seria com aquilo que trabalharíamos durante o resto do mês, a convivência com pessoas tão aguerridas e especiais tornaram tudo aquilo um mero detalhe em meio a tanto que tínhamos para aprender em Ituiutaba. Tanto é que não demorou para que lidar com os resíduos sólidos na cooperativa, desde sua coleta até sua prensagem, se tornasse algo normal na nossa rotina, até secundário.

A oportunidade de trabalhar em uma cooperativa de catadores de lixo já é encantadora pelo fato de ser algo de grande valor para o meio ambiente. Além disso, uma cooperativa segue uma estrutura de trabalho diferente do que estamos acostumados a estudar ou conviver, na qual as pessoas participam mais ativamente da organização, visando sempre o trabalho em conjunto. A reciclagem também é algo de muito interesse, porque ainda carrega um certo vanguardismo nas relações do meio ambiente com o homem e do homem com o trabalho. Assim, a oportunidade desta experiência foi muito rica e proveitosa, onde pude aprender e observar uma série de coisas diferentes do que estamos acostumados.

Afinal, o grande foco do trabalho era a vida daquelas pessoas, entender como trabalhava e pensava todos aqueles dentro da Coopercicla. E em meio às entrevistas em profundidade, as quais se deram em sua maioria dentro das casas dos cooperados, houve momentos de enorme comoção causados pela gravidade das histórias que escutávamos. Em alguns momentos foi difícil lidar com tanta carga emocional sem que pudéssemos fazer algo para ajudar, mas as entrevistas precisavam ser continuadas.

O trabalho realizado pelos catadores da Coopercicla é motivo de orgulho para eles e para a cidade como um todo, que é beneficiada pelo seu trabalho. Acompanhar cooperativa de catadores nos colocou próximo de um ambiente diferente, no qual o contato com o lixo era constante mas que, no entanto, isso parecia não importar, dado o valor da atividade e a naturalidade com que os trabalhadores lidavam com o lixo.

Conhecer de tão perto a realidade de pessoas excluídas da sociedade e do mercado de trabalho, enfim, nos faz lembrar da nossa obrigação, enquanto jovens formados por uma das melhores Escolas de Administração do Brasil, de trabalhar em prol de mudanças que façam desta realidade dura do país algo cada vez menos presente. Além de termos voltado

mais habilidosos com o processo de pesquisa, foi a conscientização adquirida que fizeram desse tempo em Ituiutaba algo tão rico e proveitoso. Além disso, trabalhar com pessoas que vivem em extrema pobreza, algumas vezes com problemas pessoais sérios, fez com que eu constatasse, empiricamente, a realidade de muitas famílias brasileiras. A vida na miséria é algo muito diferente de nosso dia a dia, apesar de nos depararmos com ela todos os dias, com olhos “banalizados”. Por meio da convivência com eles quebrei uma série de paradigmas, conceitos e pré-conceitos, porque pude perceber uma forma diferente de vida, com todo o seu valor e unicidade.

## REFERÊNCIAS

Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

Brief, A. P., Nord, W. R. *Meaning of occupational work*. Toronto : Lexington Books, 1990.

Eisenhardt, K. M. Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 14: 532-550, 1989.

Emery, F. *Report on the Hunsfoss project*. London: Tavistock, 1964.

Emery, F. *Future we are in*. Leiden, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1976.

England, G. W., & Whiteley, W. T. Cross-National Meanings of Working. In A. P. Brief & W. R. Nord (Eds.), *Meaning of occupational work* (pp. 65-106). Toronto, Canadá: Lexington Books, 1990.

Fryer, D., Payne, R. Working definitions. *Quality of Working Life*, v. 1, n. 5, p. 13-15, 1984

Hackman, J. R., & Oldham, G.R. Motivation through the design of work: Test of a theory. *Organizational Behavior and Human Performance*, 16, 250-279, 1976.

Hackman, J. R., Suttle, J. L. *Improving life at work*. Glenview, Ill : Scott, Foresman, and Co., 1977.

Herzberg, F. I. Les quatre questions existentielles: leur effet sur la motivation humaine et le comportement organisationnel. In: Pauchant, T. C. et coll. (Coord.). *La quête du sens: gérer nos organisations pour la santé des personnes, de nos sociétés et de la nature*. Québec: Éditions de l'organisation, 1996. (Collection Manpower, p. 165-188)

Herzberg, F. I. Maximizing work and minimizing labor. *Industry Week*, v. 206, n. 8, p. 61-64, 1980.

Herzberg, F. I. Work and the nature of man. Cleveland : World Publishing Co., 1966.

Hillman, J. A Blue Fire. Selected Writings. New York: Harper & Row, 1989, pp. 171-172.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo de 2010, dados disponíveis em <<http://www.ibge.gov.br> />, acessado em: 3 de setembro, 2011

Jacques, E. Des systèmes sociaux comme defenses contre l'anxiété dépressive et l'anxiété de persécution, 1978. In A. Lévy (Ed.), *Psychologie sociale: textes fondamentaux anglais et américains* (Vol. 2, pp. 546-565). Paris: Dunod

Ketchum, L. D., Trist, E. All teams are not created equal: how employee empowerment really works. Newbury Park: Sage, 1992

Maslow, A. H. Uma teoria da motivação humana. In: Balcão, Y.; Cordeiro, L. L. (org.). *O comportamento humano na empresa* (pp. 337-366). Rio de Janeiro: FGV, 1975.

Morin, E. Os sentidos do trabalho. In T. Wood (Ed.), *Gestão empresarial: O fator humano* (pp. 13-34). São Paulo, SP: Atlas, 2002.

Morin, E. ; Tonelli, M. J. ; Pliopas, A.L.V. Trabalho e seus Sentidos. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, p. 1, 2007.

Morin, S. The meaning of work in modern times. Estelle M. Morin, Ph. D., professor, HEC Montréal, and psychologist. Conference. 10th World Congress on Human Resources Management, Rio de Janeiro, Brazil, August, 20th, 2004.

Shepherdson, K. V. The meaning of work and employment: psychological research and psychologists' values. *Australian Psychologist*, v. 19, n. 3, p. 311-320, 1984

Trist, E. Adapting to a changing work. *Labour Gazette*, 78, 14-20, 1978.

Uchida, S.; Brandão, J.; Sanches, M. Cluster e APL's: criação de vínculo de confiança empresarial no setor calçadista infantil de Birigui. FGV-EAESP. São Paulo, SP, 2011.

Yin, R. K. Estudo de caso – planejamento e métodos. 2ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.